

“DUAS CIDADES EM UMA, SE NÃO FOR MAIS”: os fragmentos da Barca do Povo na memória coletiva itajaiense¹

Joá BITENCOURT²

Vera Lucia SOMMER³

Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, SC

RESUMO

A Barca do Povo foi um projeto de jornalismo comunitário que aconteceu através da extensão universitária da Universidade do Vale do Itajaí, na cidade de Itajaí, em Santa Catarina, no início dos anos 2000. Neste artigo, propôs-se a investigação dos fragmentos deixados por ele na memória coletiva itajaiense, através de uma amostra qualitativa do seu público, por meio de entrevistas em profundidade com cinco mobilizadores comunitários, fazendo o uso da Análise do Discurso. Passadas quase duas décadas desde o encerramento das suas atividades, notou-se que a Barca do Povo se faz presente na memória coletiva e que contribuiu para que se percebesse Itajaí a partir das suas comunidades marginalizadas.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; jornalismo comunitário; memória; Barca do Povo; Itajaí.

INTRODUÇÃO

Em 2021, as redes que a vida tece trouxeram à memória a Barca do Povo, um projeto de jornalismo comunitário, de duas décadas atrás, que aconteceu na Universidade do Vale do Itajaí (Univali). Na oportunidade de um trabalho acadêmico no primeiro semestre daquele ano, a pauta se impôs. Então, entre os meses de abril e julho, produziu-se a grande reportagem “Barca do Povo: mídia alternativa dentro da Universidade”⁴.

A Barca foi um coletivo jornalístico, atuante principalmente entre 2000 e 2004, constituído por estudantes de Jornalismo da Univali, criado e coordenado pela professora Elaine Tavares, através do Núcleo Experimental de Jornalismo Popular, projeto de extensão ativo naquele período. Entre os seus veículos, estava o jornal comunitário O Sardinha, o programa de rádio Sardinha no Ar, transmitido pela Rádio Conceição, e o programa televisivo Histórias da Gente, para a TV Univali.

¹ Trabalho apresentado na Intercom Júnior, na ementa de Jornalismo (IJ01) do 22º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Graduando em Jornalismo pela Universidade do Vale do Itajaí. E-mail: bitencourtjoa@gmail.com.

³ Doutora em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina. É professora titular no curso de Jornalismo da Universidade do Vale do Itajaí. E-mail: vsommer@univali.br.

⁴ Produção vencedora do 29º Prêmio Expocom - Etapa Nacional, realizado no 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, pela modalidade de produção laboratorial em jornalismo digital (JO 07), na categoria Jornalismo. Foi feita pelas estudantes Bianca Smiderle Lemos, Emanuele Xavier Ribas, Giulia Tavares Nunes e Joá Bitencourt, na disciplina Narrativas Multimídia I, orientada pelo professor Vinicius Batista de Oliveira. Disponível em: <http://jornalcobaia.com.br/especiais/barca-do-povo/>.



Aqui, toma-se como objetivo investigar os fragmentos que esse coletivo deixou na memória coletiva itajaiense, identificando pessoas que o acompanharam enquanto público, coletando vivências com o projeto e analisando como elas se relacionam com o imaginário local.

No título deste trabalho, assume-se um trecho da reportagem “Duas cidades em uma”, publicada por Osiris Duarte n’O Sardinha⁵. Nela, ele escreve sobre uma caminhada por Itajaí em que percebe realidades dicotômicas, uma marginalizada e outra privilegiada, a serem superadas. Porém, ao final, acrescenta ao título: “se não for mais”. O gesto neste esforço acadêmico é parecido. Falar sobre jornalismo popular não é apenas olhar para as mazelas, é enxergar a pluralidade de sentidos que podem ser atribuídos a uma realidade quando ela é observada de perto.

REFERENCIAL TEÓRICO

O jornalismo produzido pelos barqueiros, integrantes da Barca do Povo, se apresentava de dois modos: popular e comunitário. Em 2004, ano em que o jornal deixou de circular, Elaine Tavares lançou o livro “Jornalismo nas margens: uma reflexão sobre a comunicação em comunidades empobrecidas”, no qual construiu o que chamou de “jornalismo libertador”. Nele, apoiou-se na Filosofia da Libertação, colocando-se para “pensar o mundo a partir do ponto de vista do oprimido, [...] e a produzir um discurso filosófico que nasce da realidade latino-americana” (TAVARES, 2004, p. 18). O projeto se dedicou ao mesmo propósito.

Como as suas ações de diálogo com as comunidades itajaienses ultrapassaram o entendimento das suas produções, a Barca é trazida como “acontecimento jornalístico”. Apropriando-se, deste modo, do entendimento de Guimarães (2002), vindo de Pêcheux, da ideia de um acontecimento enunciativo, que se recoloca, no tempo presente, por meio do público que o presenciou há duas décadas e, agora, o relata, colocando-o aberto para outras interpretações.

A memória social construída pelo projeto é acessada pelas entrevistas com este público ao simular o que Halbwachs (1990) chama de grupos de referência, constituídos pelos “outros” capazes de dar vida à semente de rememoração, que antes poderia permanecer como um dado abstrato ou uma imagem, por [esses outros] já terem formado, no passado, uma comunidade de pensamentos. Sobre o conceito halbwachiano de lembrança, Schmidt e

⁵ Edição 12, de outubro de 2002.



Mahfoud (1993) explicam que “a vitalidade das relações sociais do grupo dá vitalidade às imagens, que constituem a lembrança. Portanto, a lembrança é fruto de um processo coletivo e está sempre inserida num contexto social preciso.”

Esses pontos todos desembocam e convergem no imaginário. Este conceito é entendido como constituinte da gramática social, usada para ler e escrever o mundo, para acessar as suas dimensões sensíveis. Gislene Silva (2010), pensando nisto, cita Muniz Sodré (2005, p. 76), trazendo a sua ideia de teoria compreensiva da comunicação, que faz uso de estratégias sensíveis para “trazer mais luz ou hipóteses mais fecundas sobre as transformações das identidades pessoais e coletivas, as modulações da política e as ambivalências do pluralismo cultural no âmbito da globalização contemporânea”.

METODOLOGIA

Entre os dias 16 e 28 de outubro de 2022, para realizar a pesquisa de recepção, foram feitas entrevistas em profundidade com uma amostra subjetiva do público da Barca do Povo. Cinco pessoas foram escolhidas pelo envolvimento, direto e indireto, com a Barca, evidenciando o caráter comunitário do jornalismo praticado, e pelo papel que ocuparam e ocupam enquanto agitadores comunitários. Ao longo da análise, eles serão mencionados por nomes fictícios⁶: Ana, João, Leo, Júlio e Mário.

As entrevistas aconteceram, presencialmente, nas cidades de Itajaí, Florianópolis e Joinville, com duração média de 45 minutos cada e em formato semiaberto de roteiro, com seis perguntas estruturantes, divididas em três eixos temáticos, conforme descrito abaixo.

Quadro 1 — Roteiro

Eixos temáticos	Perguntas
Memória pessoal	Você lembra como passou a se relacionar com a Barca do Povo?
	Tem memórias significativas ligadas a ela? Poderia contar algum acontecimento?

⁶ Os nomes foram escolhidos, e adaptados, a partir do editorial da primeira edição d’O Sardinha, de novembro de 2000, que diz em um trecho: “[...] nossas fontes não serão as oficiais, carregadas do peso do poder. Nossas fontes serão os Joãos, Marias, Anas, Leos, Júlios, Geraldinas, gente sem poder. Gente como nós, de carne e osso.”

Contexto histórico e memória coletiva	Como era Itajaí nesse período?
	A Barca tinha uma relação profunda com a cidade? Se sim, de que maneira ela acontecia?
Legado	Como público, acredita que o jornalismo praticado pelo projeto foi/é capaz de criar outras visões sobre as identidades itajaienses?
	Na sua visão, rememorar a Barca do Povo é uma ação relevante? Se sim, por quê?

Fonte: elaborado pelo autor (2022)

ANÁLISE E CRUZAMENTO

Michel (2018, p. 14), ao citar Halbwachs (2006), diz que “as nossas lembranças não são exatamente nossas, mas construídas no interior de um grupo social ao qual pertencemos”. Schmidt e Mahfoud (p. 9–10) explicam que, para o autor, a memória coletiva é o que dá “vitalidade aos objetos culturais, sublinhando momentos históricos significativos e, portanto, preservando o valor do passado para os grupos sociais [...] e sendo a guardiã dos objetos culturais que atravessam os tempos e que, então, podem vir a se constituir em fontes para a pesquisa histórica.” Trazer a Barca do Povo, neste sentido é, então, colocá-la como agente de memória.

Nas entrevistas, várias linhas se cruzam nas respostas dadas. Entre as convergências, está o entendimento de que Itajaí estava em um momento de “construção de uma ruptura”, como resumiu Leo, que era a expressão local do que o país vivia, e a noção de um crescimento significativo no município entre o final dos anos 90 e o início dos 2000⁷.

Portanto, o contexto histórico em que a Barca do Povo surgiu foi este, que vinha das décadas anteriores e que, naquele cenário, se impunha pelas condições criadas localmente, como explica Mário: “[...] nós estamos falando de um momento que Itajaí está fervendo. Nós estamos falando de um processo de acúmulo de experiências.”

Esta efervescência se manifestava de muitas maneiras, principalmente na cultura. A cidade pulsava transformação, agitação. Júlio lembra que esta relação se mostrava nas

⁷ Para João, entre os motivos, está o fortalecimento do caráter universitário da cidade. Com a chegada de novos cursos na Univali, que não eram oferecidos na região, estudantes de diferentes localidades passaram a se deslocar até o campus itajaiense. A graduação de Jornalismo, por exemplo, teve início em 1991, sendo a primeira do interior de Santa Catarina e a segunda do estado.



vivências cotidianas: “Nessa época da Barca, a minha diversão era sair do serviço, pegar a bicicleta e ir na Barca, e nós ir na praia, ver o mar, amanhecer na praia, tomando um goró, trocando ideia.”

Ao estarem mergulhados nesse dia a dia, os barqueiros operavam no seu reconhecimento, “como tempo possível, lugar do acontecimento, referencial da contemporaneidade” (MICHEL, 2018, p. 78), sendo, em si, o próprio acontecimento.

Gislene Silva (2010, p. 10) diz que, para investigar a presença do imaginário no jornalismo, deve-se dar o enfoque à vida cotidiana e ao senso comum. Aqui, invertendo a ordem, a pesquisa se vale das pistas de Silva de adotar “uma outra atitude epistemológica e metodológica, mais pela via compreensiva do que explicativa” para investigar a presença do jornalismo no imaginário, com atenção às mesmas categorias às quais ela faz referência.

Tanto Ana quanto João falam durante a entrevista sobre uma imagem em comum da Barca do Povo: a combi circulando e um megafone sendo impunhado, o que ajuda a pensar o projeto como, de fato, um acontecimento que irrompe na cidade, para além dos produtos jornalísticos. Júlio coloca algo que vai de encontro a esta percepção: “Se fosse imprimir ou gravar tudo o que acontecia, ia faltar espaço nos lugares.” Ele afirma que essa intensidade se dava ao quão ampla era a circulação que tinham pela cidade, porque “em todas as periferias, tinha alguém que sabia: ‘Ah, os caras da Barca estão aí!’”.

Essa relação, narrada pelos entrevistados, confirma que a Barca do Povo estava imersa nos supostos do jornalismo libertador, por este trabalhar “com ideia de que é preciso contar as histórias dos oprimidos, dos deserdados, dos desvalidos, que é preciso narrar o mundo do ponto de vista da realidade do outro, do que está fora do centro” (TAVARES, 2004, p. 20).

Quando surge a questão sobre a capacidade do jornalismo praticado pelos barqueiros ter criado outras visões sobre as identidades itajaienses, Ana comenta sobre como o grupo fazia com que as pessoas pudessem perceber a cidade que vem depois da saída do umbigo, para notarem que Itajaí é um monte de gente nunca vista e um monte de lugares pelos quais nunca se passa.

Através da comunicação popular, o projeto foi além de uma visão idealizada e higienista de democracia. Levava “do Povo” no nome porque pisava no chão e sujava as mãos. Mostrou uma cidade submersa, valorizando as suas características humanas, reais. Para fazer uma apropriação da metáfora concisa que Ana usou durante a entrevista, a Barca mostrou que a cidade pesqueira e portuária não pode esquecer que tem cheiro de peixe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMARGO. Cássio Michel dos Santos. **Memória discursiva e a Análise do Discurso na perspectiva pecheuxtiana e sua relação com a memória social**. Saber Humano, ISSN 2446-6298, V. 9, n. 14, p. 167–181, jan./jun. 2019.

CARPENEDO. Rejane Fiepke; STURZA, Eliana Rosa. **Acontecimento enunciativo: o funcionamento semântico da designação constituída na e pela história**. Revista Tabuleiro de Letras, v. 14, n. 01, p. 198–208, jan./jun. 2020.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do Acontecimento**. Campinas: Pontes Editora, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.

MICHEL, Jerusa de Oliveira. **Jornalismo Comunitário na construção, compartilhamento e permanência das Memórias Sociais: O caso do Jornal “O Pescador” na/da Colônia de Pescadores Z3/Pelotas**. 2018. 205 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

PÊCHEUX, Michel. **Papel da memória**. In: ACHARD, P. et al. (Org.) Papel da memória. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

PERUZZO. Cicilia M. Krohling. **Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária**. In: CONGRESSO ANUAL EM CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003, Belo Horizonte. Anais [...] Belo Horizonte: Intercom, 2003. p. 1–30.

_____. **Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências**. Comunicação & Sociedade, São Bernardo do Campo, Pós-Com UMESP, v.26, n.43, p. 67-84, 2005.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. **Halbwachs: memória coletiva e experiência**. Psicol. USP, São Paulo, v. 4, n. 1-2, p. 285–298, 1993.

SILVA, Gislene. **Imaginário coletivo: estudos do sensível na teoria do jornalismo**. In: ENCONTRO DA COMPÓS, 9., 2010, Rio de Janeiro. Anais [...] Rio de Janeiro: Compós, 2010. p. 1–13.

SILVA, Jonathan Chasko da; ARAÚJO, Alcemar Dionet de. **A metodologia de pesquisa em Análise do Discurso**. Grau Zero – Revista de Crítica Cultural, v. 5, n. 1, 2017.

TAVARES. Elaine. **Jornalismo nas margens: uma reflexão sobre a comunicação em comunidades empobrecidas**. Florianópolis: Companhia dos Loucos, 2004.